

NATUREZA HUMANA E CONFLITO

Manuel Gama¹

mrcgama@lch.uminho.pt

Procura-se evidenciar, a partir do pensamento de Konrad Lorenz, como a agressão faz parte da natureza humana e, como tal, o conflito é “natural” no ser humano. Haverá maneira de controlar essa pulsão?

Palavras-chave: Natureza humana, agressão, conflito, Lorenz.

1. «Em tempo de guerra não se limpam armas». Este dito do senso proverbial tem muita pertinência e, nesse sentido, estamos aqui a pensar a(s) guerra(s) em tempo de paz, ou seja, a «limpar as armas». Em tempos de acalmia, devemos refletir sobre as razões que levam os seres humanos a desembocar numa das dimensões mais estúpidas, mais inexplicáveis, e também das mais trágicas, do agir humano. Aliás, é também um processo contraditório, pois, à máxima “se queres a paz, prepara a guerra”, devia apor-se e praticar-se esta outra: “se queres a paz, vive em paz”.

O ideal seria que a guerra já só restasse como assunto histórico, literário, filosófico. O direito internacional deveria ser o bastante profilático de se atingir tais situações. Indo à génese dos conflitos, não há “guerras justas”, poi entre os contendores alguém agiu de forma errada, isto é, não ética.

2. Olhando para o tema do XVI Colóquio de Outono, «Conflito e trauma», e na linha temática de Filosofia e Cultura, “Pensar a(s) guerra(s) em tempo de paz”, ponderei num assunto que está subjacente às várias dimensões em causa. No âmbito da Antropologia Filosófica, decidi tratar do tema da natureza humana e a sua relação com o conflito, tendo como pano de fundo o pensamento do fundador da Etologia moderna, Konrad Lorenz (1903-1989), prémio nobel da Fisiologia e Medicina, em 1973.

3. No domínio antropológico, podem apontar-se dois tipos de conflitos associados a tensões: conflitos culturais e conflitos de natureza. Nem uns nem outros são “puros”, pois não há no ser humano um “natural” e um “cultural” puros; qualquer uma das dimensões está interpenetrada pela outra. No entanto, podemos tomar aqueles conceitos como operatórios e distinguir os referidos conflitos: nos “naturais” incluem-se todos os que têm a ver com as comumente aceites pulsões fundamentais: a de conservação do indivíduo (a dimensão da comida e da bebida) e a da conservação da espécie (ligada à cópula). Por exemplo, um dos conflitos que tem tendência a crescer exponencialmente é o da posse pela água. Como sem água não há vida, e ela escasseia nalgumas zonas do planeta, estará cada vez mais na génese de graves problemas conflituais.

Os conflitos de cultura, quer a nível coletivo, quer a nível individual, estão direta ou indiretamente ligados ao poder: construção de impérios (de maior ou menor monta), monopólios, domínio das fontes de energia, etc. Não é comum ouvir dizer a um homem rico ou poderoso que não quer mais dinheiro ou que o poder que tem lhe basta. A ganância humana, em facetas diversas, parece não ter limites.

¹Universidade do Minho, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Departamento de Filosofia, Braga, Portugal.

Konrad Lorenz, como analisaremos adiante, vê a agressão como outro dos impulsos fundamentais. Este autor observou situações semelhantes, neste âmbito, nos domínios humano e animal. No entanto, no mundo humano, a astúcia da razão dá-lhe um caráter específico. Isto é, no homem, a agressão não tem limites. Nada no mundo animal é comparável, por exemplo, com a tragicidade do holocausto hitleriano.

Em síntese: por um lado, o homem é conflituoso por natureza (como vamos tentar compreender); por outro, é preciso ver que caminhos deve a própria humanidade trilhar no sentido de fazer a profilaxia, pelo menos nos efeitos nefastos, dessa tendência dita “natural”.

4. Vários filósofos, e outros pensadores, desde o período clássico grego, se vêm interrogando e publicando obras acerca desta interrogação fundamental: O que é o homem? Ou seja, qual a sua natureza? O que o distingue dos outros seres? E, é claro, no próprio ato de perguntar já se define bastante de si: um ser que faz perguntas. Aliás, o único ser que faz perguntas e “exige” respostas. Mas o tipo de resposta nunca está totalmente esgotado. Entramos, então, no problema da natureza humana que, dada a sua complexidade, não é fácil de enunciar, pois não é algo acabado. Daí, ao longo da história do pensamento, vários autores, em posições muitas vezes inconciliáveis, focarem essa substancial dimensão por prismas muito diversos. Desde o pensamento de Platão e Aristóteles, passando pela doutrina bíblica, e por outros filósofos como Descartes, Kant, Marx, Sartre, ou pensadores de outra índole como Freud, Skinner, Lorenz, Laín Entralgo, e ainda pensamentos de outras coordenadas geográficas como por exemplo o confucionismo ou o hinduísmo, tudo são peças complementares de um *puzzle* sempre inacabado. As posições ou linhas de focagem da questão são inumeráveis: histórica, mítica, ética, religiosa, arquetípica, fenomenológica, estrutural, marxista, freudiana, junguiana, existencialista, estruturalista. Como síntese, podemos dizer com Ortega y Gasset que o homem é tudo o que ele tem mais aquilo que lhe falta.

Na complexidade do assunto entram temas tão variados e fundamentais como saber o que é inato e o que é adquirido, a questão da substancialidade (unissubstancialismo ou dualismo?), a relação entre determinismo e livre-arbítrio (embora o homem não seja livre de abdicar da própria liberdade), a existência de Deus, a esperança de uma vida para além da morte. (Stevenson e Haberman, 2005) Cada autor ou cada corrente de pensamento valoriza mais algum aspeto particular constituinte dessa natureza.² Entre os vários autores, correntes ou teorias, que poderiam ser objeto de exploração no presente estudo, debruçamo-nos sobre o pensamento de Konrad Lorenz, que vê a agressão como um impulso inato ao próprio homem. Este tema encontra-se presente em vários dos seus escritos, mas especialmente em duas das suas obras há uma relação mais direta: *A Agressão. Uma História Natural do Mal* (1963)³ e *Estudos sobre o Comportamento Animal e Humano* (1971).⁴

5. Na tentativa de explicação da natureza humana, tem grande importância a disputa entre comportamentalistas e etologistas, representados, respetivamente, por Skinner (1904-1990) e Lorenz (1903-1989) que, por mera coincidência, viveram em época quase sobreposta. Para os primeiros, as principais características do comportamento humano são aprendidas,

² Por exemplo, em Platão predomina o regime da razão, no pensamento bíblico a relação com Deus, em Descartes o dualismo, em Marx a dimensão económica, em Freud a base inconsciente da mente, em Sartre a liberdade radical, em Skinner o comportamento condicionado.

³ Segundo entendido em língua alemã, a tradução mais fiel do título original desta obra daria a seguinte designação: *O assim chamado Mal. Para uma História Natural da Agressão*. O que, de facto, é diferente. Com o título que consta acima, o livro foi editado em Portugal, pela editora Relógio D'Água, Lisboa, em 2001.

⁴ Há a tradução portuguesa com o seguinte título: *Três ensaios sobre o comportamento animal e humano. As lições da evolução da teoria do comportamento*, Arcádia, Lisboa, 1975.

enquanto para os segundos, são inatas. Isto é, para os comportamentalistas, toda a dinâmica do comportamento é condicionada pelos mecanismos ambientais. Perspetiva que é contestada pelos etologistas, os quais, pelos seus estudos, concluíram que há determinadas pautas comportamentais “animais” que não poderiam ser explicadas pela teoria da aprendizagem, pois só a via inata as torna inteligíveis. Tanto mais que determinados comportamentos não só se “opunham” à sua eliminação como resistiam à sua alteração; logo, a teoria explicativa ambientalista não era convincente.

A etologia procura explicar os comportamentos inatos, recorrendo não só ao passado do animal individual, mas tenta percorrer todo o processo evolutivo da espécie. Assim, para determinada característica, como por exemplo a agressão, a etologia procura mostrar a influência dos genes no processo inicial, assim como no referido processo evolutivo.

A publicação da obra de Edward O. Wilson, *Sociobiology: The New Synthesis*, em meados da década de 1970, com as suas teorizações de cariz evolutivo sobre a natureza humana – defendendo que, tal como em relação ao comportamento animal, também o humano pode ser estudado pela via evolutiva -, tiveram um grande desenvolvimento. No entanto, um dos pioneiros desse tipo de tratamento nesta temática foi K. Lorenz.

6. Para o etólogo e pensador austríaco o grande objetivo era compreender como os impulsos interiores explicam o comportamento, e como entre estes está a agressão como algo inato.

Pelos seus estudos etológicos, Lorenz concluiu que o comportamento parece ser causado pela conjugação entre estímulos exteriores e a situação interna, da qual deriva a disposição para a agressão. (Stevenson e Haberman, 2005: 306-307) Entre os grandes impulsos, a par da agressão, estão a fome, a excitação sexual e o susto. Os padrões de comportamento, daí gerados, foram encontrados por Lorenz entre os animais e eram inatos, logo, não aprendidos.

Portanto, para Lorenz, aquilo que se encontra no ser humano, e que se denomina como “comportamento agressivo”, é instintivo; é um impulso a par de outros impulsos. Mas há uma especificidade peculiar neste impulso na espécie humana. Enquanto nas outras espécies esse impulso é orientado fundamentalmente para fora da própria espécie, no ser humano pratica-se muito a agressão intra-espécie. E mais: apesar de, entre os animais, serem praticadas agressões, raramente os ferimentos resultantes são extensos e profundos e é muito invulgar o desfecho resultar em morte. Isto é, entre as outras espécies animais, a agressão tem mais a marca de “ameaça” do que de destruição. Entre os cães, por exemplo, depois da luta, aqueles que se dão por vencidos põem o seu pescoço ao dispor da boca do vencedor. Lorenz classifica estas atitudes como “comportamentos análogos à moral”, conforme dedica na sua obra *A Agressão*, todo o capítulo VII, que, ilustrativamente, faz preceder da epígrafe “Não matarás” (5º Mandamento). E acrescenta que, entre os contendores, o derrotado “produz mecanismos fisiológicos particulares destinados a *inibir o movimento de agressão prejudicial*.” (Lorenz, 2001: 138)⁵ Referindo, a propósito, alguns exemplos.

Lorenz vê a espécie humana como tendo evoluído a partir de outras, mas mantendo paralelos com elas, desde os mecanismos fisiológicos até aos padrões de comportamento. Mas somos diferentes, embora essa diferença não esteja no “reino” a que se pertence, mas no nível ou grau de ser que se é, estando os humanos no topo. Expressão dessa posição superior é a

⁵ Itálico na fonte.

quantidade e a qualidade de conhecimentos, que concorrem para um maior autocontrole dos indivíduos na sociedade. Embora, como adverte Lorenz, “O homem gosta demasiadamente de se imaginar no centro do universo, não fazendo parte do resto da natureza, mas opondo-se a ela como um ser de essência diferente e superior.” (*Idem, Ibidem: 250*)

Tal como em muitos outros animais, o comportamento agressivo no humano é também expressão de um impulso inato.⁶ A explicação no humano insere-a Lorenz num processo evolutivo, em que a agressividade, embora também inata, ganhou contornos diferentes dos outros animais, mas manteve-se, fazendo parte da natureza da “natureza humana”. Qual o elemento, e ao mesmo tempo fator, que torna a agressão diversa no ser humano? A perspectiva de Lorenz é bem explícita:

Um paradoxo curioso quer que os dons mais preciosos de que o homem dispõe – as suas faculdades únicas de pensamento concetual e de linguagem verbal, que o elevaram a um nível superior ao de todas as outras criaturas e lhe deram o domínio do planeta – não sejam completas bênçãos. Todos os grandes perigos que ameaçam de extermínio a humanidade são consequência diretas desse pensamento concetual e dessa linguagem verbal. (*Idem, Ibidem: 269*)

Isto é, os aspetos mais distintivos da espécie humana têm dado para o melhor e para o pior: para construir a paz e para fazer a guerra. E esta, de forma cada vez mais sofisticada: das pedras e dos paus passou-se para as balas e para as armas telecomandadas sucessivamente mais complexas e eficazes.

Se a agressão é inata, como postula Lorenz, colocam-se algumas questões: ter-se-á que lhe dar seguimento, tal como à fome e ao desejo de copular? Haverá restrições, pautadas por princípios morais, que conduzam ao conflito (à neurose, em sentido freudiano)? Se a agressão é, de facto, inata nos seres humanos, haverá esperança para o futuro da nossa espécie? Os apelos à razão terão efeitos profiláticos? E seria possível arredar todos os estímulos desencadeadores da agressão? Tudo questões com respostas só translúcidas. E, mesmo, se de todo, fosse possível eliminar a pulsão da agressão, pensa Lorenz que isso seria catastrófico, dado que, fazendo ela parte da natureza humana, também muitas das realizações humanas superiores deixariam de se realizar.

7. Apesar de tudo, Lorenz revela todo o seu otimismo no derradeiro capítulo d’ *A Agressão*. Acredita que se a razão e a linguagem são fatores nefastos, também por eles se virá exercendo uma força de seleção na direção correta que, até certo ponto, já se verifica: “As mesmas faculdades que forneciam ao homem utensílios e esse poder perigoso para si próprio dotaram-no também do meio de impedir o seu abuso: a responsabilidade racional.” (*Idem, Ibidem: 2700*)⁷ No entanto, o bem-estar da comunidade não é fruto unicamente do pensamento racional. Lorenz acha até que a situação contrária a esta é mais verdadeira (Cf. *Idem, Ibidem: 276*), contrariando o aludido Kant, que defende que o imperativo categórico “dever” advém unicamente da razão humana. Contra essa posição, o etólogo aduz logo o papel da afetividade - que significa sempre uma necessidade instintiva -, como fulcral no referido bem-estar.

Uma grande força contra o comportamento agressivo advém da sua ilegitimidade nas sociedades modernas, que se traduz na paz entre os cidadãos como o dever que precede todos

⁶ Opositores a determinados evolucionistas como Lorenz sustentam que, no ser humano, só há evidência para os impulsos do comer, copular e dormir; todas as outras dimensões do comportamento humano dependem mais da cultura do que da biologia (Cf. L. Stevenson, *Op. Cit.*, p. 319).

⁷ Lorenz, neste contexto, anota que a **função da moral** «é restabelecer um equilíbrio aceitável entre os instintos do homem e as necessidades de uma ordem social evoluída pela cultura» (p. 276).

os outros. Quando as condições ecológicas e sociológicas se afastam da orientação do comportamento instintivo do homem, é a “moral responsável” que vem compensar. É, pois, da “moral responsável” que, segundo o nosso autor, depende o destino da humanidade, pois é através desse mecanismo que os seres humanos controlam as suas inclinações naturais. (Cf. *Idem, Ibidem*: 283-284) Ou seja, é necessário que se vá continuando aquilo que ele, em *Três ensaios sobre o comportamento animal e humano*⁸, denomina de “domesticação do homem”. E acredita na evolução nesse sentido, conforme dá conta no derradeiro capítulo d’ *A Agressão*, que ele denominou de “Profissão de Otimismo”.

Nesse capítulo, depois da seguinte e significativa epígrafe de Goethe (Fausto):

*Nem chego a imaginar que haja ciência
Em que deveras creia, nem que saiba
Coisa alguma ensinar que aos homens sirva
E convertê-los possa, ou melhorá-los,*

O etólogo enuncia outras linhas orientadoras do seu pensamento: “Ao contrário de Fausto, eu imagino poder ensinar aos seres humanos alguma coisa que seja de molde a ajudá-los e a transformá-los para melhor.” (*Idem, Ibidem*: 305) Portanto, está explícito o seu anunciado otimismo: primeiro, na linha de Rousseau, o homem é dotado de perfeitibilidade; segundo, ele está decidido em colaborar no seu melhoramento, mormente com o contributo das ideias constantes na obra que serve de suporte à nossa reflexão.

Apesar de consciente da eventual aparência anódina das suas propostas, ele desfia uma série de medidas em defesa da humanidade. A primeira, insere-a no princípio grego do “Conhece-te a ti mesmo” e, após isso, ver em que objetos (em vez de humanos), cada um de nós, pode descarregar a agressão na sua forma primitiva. Depois, recorrendo à linguagem psicanalítica, propõe o processo de sublimação das energias como forma de catarse através das artes, da ciência, do desporto, etc. Propõe ainda como outra forma de evitar a agressão, a par do autoconhecimento, o estabelecimento de relações humanas baseadas na amizade. A quarta medida, que aponta como a mais importante, é a de canalizar o “entusiasmo militante” para causas nobres, sobretudo as gerações jovens que estão ávidas de novas e fortes emoções.

Outra das dimensões, especialmente anotada por Lorenz, é o riso e o sentido de humor. Por um lado, “Rir juntos com vontade cria um laço muito semelhante ao que cria o entusiasmo por um mesmo ideal.” (*Idem, Ibidem*: 321) Ou “Os cães que ladram às vezes mordem, mas o homem que ri nunca dispara.” (*Idem, Ibidem*: 322) O seu discurso também dá guarida ao saber do velho ditado latino do *ridendo castigat mores* (rindo criticam-se os costumes), colocando-o como um forte aliado da moral racional, pois o humor “exerce sobre o comportamento social do homem uma influência que, em certo sentido, é absolutamente análoga à da responsabilidade moral: tende a fazer do nosso mundo um local mais honesto e portanto melhor.” (*Idem, Ibidem*: 324)

Portanto, Lorenz apoia-se no que representa o riso e o humor, para aí ver vincada a linha que mostra que o homem tem vindo a tornar-se cada vez mais humano. O riso e o humor, podemos dizer com Lorenz, seriam a principal marca que distingue os seres humanos dos outros animais. Essa marca será o carril da história no qual Lorenz assenta a sua profissão de fé no devir e no porvir da humanidade: “*Resumindo, acredito que a verdade acabará por*

⁸ Cf. Konrado Lorenz, *Três ensaios sobre o comportamento animal e humano*, Arcádia, Lisboa, 1975, pp. 148 e ss.

vencer.” (*Idem, Ibidem*: 324-325)⁹ E a locomotiva deverá ter como alimento o amor e a amizade, orientados pela razão humana:

A conclusão evidente é que o amor e a amizade devem compreender toda a humanidade e que devemos amar todos os nossos irmãos humanos sem discriminação. (*Idem, Ibidem*: 326)

Creio no poder da razão humana, tal como creio no poder da relação natural. Creio que a razão pode exercer e irá exercer uma pressão seletiva na boa direção. (Cf. *Idem, Ibidem*: 327)

Em conclusão final, aquele é o seu credo, embora tenha deixado registado no livro que escreveu no ocaso da sua longa vida, *O Homem Ameaçado* (Cf. *Idem, 1988*: 246), que nada se pode prever sobre a sobrevivência ou o fim do *Homo sapiens*. No entanto, considera ele, o nosso dever é o de lutar pela sua sobrevivência.

Referências

- LORENZ, Konrad (1974), *Os Oito Pecados Mortais da Civilização*, Tradução de Artur Morão, Moraes, Lisboa, [1973].
- LORENZ, Konrad, (1975), *Três ensaios sobre o comportamento animal e humano. As lições da evolução da teoria do comportamento*, Tradução de Noémia Seixas, Arcádia, Lisboa, [1965].
- LORENZ, Konrad (1988), *O Homem Ameaçado*, S/ trad., de Dom Quixote, Lisboa, [1983].
- LORENZ, Konrad (2001), *A Agressão. Uma História Natural do Mal*, Tradução de Isabel Tamen, Relógio D'Água, Lisboa, [1963].
- STEVENSON, Leslie e HABERMAN, David L. (2005), *Dez Teorias da Natureza Humana*, Tradução de Adail Ubirajara Sobral, Martins Fontes, São Paulo, [1998].

⁹ O itálico está na fonte.